



LILY-JANE EXPLODE

Tradução:

Ana Catarina Dias
Cassandra Moura
Inês Santos
Margarida Fonseca

Revisão:

Françoise Bacquelaïne
Maria Luísa Malato

FLUP, 2022

Ficha técnica

Título: Lily-Jane explode

Autor: Isabelle Wéry

Tradução: Ana Catarina Dias, Cassandra Moura, Inês Santos e Margarida Fonseca

Revisão: Françoise Bacquelaïne e Maria Luísa Malato

Ano: 2022

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Local: Porto

Dados da edição original:

Título: Lily-Jane explode

Autor: Isabelle Wéry

Editor: ONLIT Editions

Local de edição: Bruxelas (Bélgica)

Ano de edição: 2021

ISBN: 978-2-87560-133-9

© 2021 Isabelle Wéry & ONLIT Editions

Texto publicado com a autorização da autora e do editor.

Isabelle Wéry

A LILY-JANE EXPLODE¹

(Traduction: étudiantes de TGIFP²)

(Dentro de exatamente 15 minutos, a Lily-Jane explode)

Neste início de verão de 1955, eu, Lily-Jane, do alto dos meus 12 anos, estou muito muito muito satisfeita comigo mesma.

Em primeiro lugar, há que reconhecer que tenho o nome mais interessante do mundo, que combina a força tranquila e esverdeada do nenúfar, o Water-Lily, com a da... Jane. Sim, Jane, A Jane, aquela do Tarzan, o REI da selva, um gajo inchado, capaz de enuclear com dois coices qualquer grande grande grande felino. E isto de ser mulher de um gajo assim, significa que és uma gaja durona que não tem medo de aranhas. Sim, não há dúvida nenhuma que os meus pais me distinguiram com um nome que pressagia um futuro excecional e emocionante. (Só faltam 14 minutos para a Lily-Jane explodir.)

É preciso também referir que me saí muito bem nos exames da escola, na prova de violino e no espetáculo de dança no final de ano. Os meus pais deram-me de recompensa uma coisa com que eu sonhava há séculos: uma pequena máquina fotográfica da *Kodak*, pois eu, Lily-Jane – como digo alto e bom som aos adultos que me ouvem – gosto de *fotos que se enfiam pelo olho adentro*, gosto de *reproduzir infinitamente*, mecanicamente, *aquilo que só acontece uma vez*, gosto de *imobilizar os meus temas no grão do papel* (brrrrr, isso dá à Lily-Jane uma sensação de poder) e, acima de tudo, adoro adoro adoro escrever *Lily-Jane was here* nas paredes do tempo que passa. E o meu dedo indicador, tão translúcido como o tentáculo de um pequeno polvo, não deixa de premir o botão da máquina que emite os seus cliques mecânicos sem fim... Gosto de imaginar o interior da minha máquina *Kodak*. Acho também fascinante e misterioso que o meu próprio corpo esteja a ser sacudido, neste período de pré-adolescência, por engrenagens e perturbações das glândulas, sejam de Bartholin ou de Skene. Enquanto ouço o meu peito novo em forma de cogumelo a crescer debaixo da minha t-shirt azul, enumero baixinho os nomes dos órgãos da minha *Kodak*... Rebuçados saborosos que se derretem na língua: célula fotossensível, visor, diafragma, câmara escura, espelho, parafusos, ocular do visor...

Rooooooooooooooooooh, como tudo está perfeito nesta manhã de verão. Os meus pais vão à frente no carro, acabamos de deixar definitivamente a nossa casa em Washington D.C. e vamos para o outro extremo da América: a Califórnia. É uma loucura, mas está feita!

¹ © Ed. ONLIT

² Ana Catarina Dias, Cassandra Moura, Inês Santos, Margarida Fonseca. Revisão bilingue: Maria Luísa Malato e Françoise Bacquellaine

Deixar tudo, vender tudo, abandonar o inferno das cidades, o excesso de população, o consumo excessivo, a poluição, a ameaça atômica, as epidemias e, sobretudo, a ascensão galopante do capitalismo, o maldito capitalismo que não trará nada de bom, segundo as previsões do papá. E a abertura de um primeiro restaurante de uma nova cadeia chamada McDonald's em Illinois parece anunciar o ponto de partida de uma longa descida ao inferno das gorduras saturadas e desastres sanitários.

O papá tem o sonho sumptuoso de ficar sem nada e de se perder nos grandes espaços, de recuperar a sua ligação profunda com a natureza e o cosmos; ele diz palavras esquisitas como *beat generation* ou *new age* e prevê que coisas novas e incríveis vão acontecer na América nos próximos tempos, que já chega do conformismo do dia-a-dia. Propõe-nos ir para o Oceano Pacífico e Big Sur onde vamos construir uma cabana nos bosques e viver de colheitas e de agricultura natural. Vamos colar as nossas costas à casca de sequoias vertiginosas, observar magníficos veados de cauda preta a folgar entre as ramagens, perus selvagens a jogar ao eixo, guarda-rios a chapinar na corrente de ribeiros e seguir o rasto de enigmáticos lince de pelo tão rubro como uma fogueira! E, para mais, o papá promete que vamos nadar nus em águas quentes que jorram do ventre da terra para banheiras naturais com vista para o Pacífico tempestuoso. A nossa vida nova vai ser for-mi-dá-vel, martela ele, com os olhos raiados de sangue. Eu, a repórter Lily-Jane, mal posso esperar por capturar cada instante com a câmara escura da minha *Kodak*.

A mamã ainda não conseguiu esquecer o leilão do nosso frigorífico e da nossa máquina de lavar roupa – faz cara feia. Parece uma margarida murcha na borda de uma estrada principal muito movimentada. O papá destila-lhe ao ouvido: *Jenny, My Love, é preciso sentir de onde vem o espírito da época e atrever-se a pôr em causa as coisas como são!* Ela encolhe os ombros e salienta que de Washington até Big Sur são 2900 milhas, ou seja, 4700 quilómetros de emissão de fumos de escape. Em suma, o papá não é muito coerente na sua abordagem! *Logicamente, se a ideia é livrar-nos de tudo o que vem desta "maldita sociedade de consumo excessivo", diz ela, também devíamos ter deixado este carro poluente e ter ido a pé para Big Sur! Porquê ficar com esta engenhoca e sacrificar o frigorífico e a torradeira? Ah, mas arranquem o carro a um homem e acertam-lhe entre as pernas!* Grita ela. *E ademais, o mau hábito de fazer de Hiroshima com os pulmões a sugar cigarros cheios de tabaco colhido por não sabemos quem, nem em que condições sórdidas, isso também o papá fazia bem se deixasse,* acrescenta virando os olhos cheios de lágrimas para a paisagem que passa. (Só faltam 5 minutos)

Foi assim num clima carregado de eletricidade que, nesta sexta-feira 13 de julho, saímos com a mala do carro cheia de algumas roupas, um violino, livros de Jack Kerouac, um kit de sobrevivência e o suficiente para viver toda a nossa vida como verdadeiros caçadores. Ah, sim, e não sendo nenhum de nós supersticioso, nem sequer notámos que é uma sexta-feira 13...

O papá está em alta alta alta voltagem, ele tagarela sobre tudo e mais alguma coisa ao lançar grossos perdigotos para o para-brisas. Fala sobre a fascinante nova era e sobre o dia bem próximo em que o homem vai vencer a atração gravitacional e caminhar na Lua.

Mas ele ficou doido ou quê!?!? e com todo este blablabla interminável logo estupidamente se esqueceu de ir mijar antes de se fazer à estrada. Por isso, paramos, poucas milhas depois de termos arrancado, numa dessas estações Texaco, as primeiras a oferecer aos clientes *registered restrooms*, garantia de uma higiene impecável. (4 minutos)

Saio do carro e decido tirar a primeira foto daquela que, doravante, chamamos a nossa *vida nova*. Sim, quero capturar esta paisagem lunar de estação de serviço na Connecticut Avenue, esta paisagem, resquício do nosso velho mundo *de antes*, com estes carros Dodge lânguidos como elefantes de chapa (2 minutos) e estes sinais plastificados, coloridos com tintas químicas: Esso, Havoline, Texaco, *registered restrooms*, para onde o papá acabou de se precipitar sem sequer ter o cuidado de desligar o motor.

Faço a pergunta que não deve ser feita à mamã, que é: *Quantos quilómetros faltam?* A mamã responde que, para perguntas estúpidas, respostas estúpidas. Um pouco sentida, colo (1 minuto) a minha retina ao pequeno vidro da minha máquina. (Ouve-se o mecanismo espoletado pelo meu indicador translúcido que se assemelha ao tentáculo de um polvo). E taram, a estação Texaco (36 segundos) fica imortalizada. O papá surge, ainda exaltado. Olha, vou tirar uma foto dele também! Vem a murmurar frases fogosas de Jack Kerouac como se de um mantra se tratasse: *Raaaaaaaaaah! As únicas pessoas verdadeiras para mim são os loucos, aqueles que ardem, ardem como extraordinários fogos de artifício, que explodem como aranhas nas estrelas...* Reparo num pormenor (22 segundos): ele tem um cigarro no bico. Os famosos cigarros que ele devia largar, segundo a mamã! Ele acende (cinco segundos) um fósforo. Eu primo o botão da minha *Kodak*. E ao mesmo tempo, eu, Lily-Jane, expludo. Bem como tudo o que me rodeia.